
PLAYING AT HER TABLE
FERDINANDO FREGA

JOGANDO NA MESA DELA

The Art of Attraction · 02

Os anos passaram, embora não muitos, e durante as aulas e os intervalos a minha sala de aula era o ginásio. Entre basquete, vôlei e futebol de cinco, era ali que eu passava o meu tempo. Sempre que um professor entrava na sala de verdade e me encontrava lá, ficava preocupado com o que eu estava fazendo — mas eu só tinha entrado para pegar roupa seca, por causa do suor.

Eu achava que podia jogar e passar despercebido, mas a essa altura já tinha a minha moto, uma Laverda 125. Eu me vestia bem, e a bolsa da minha mãe me servia esplendidamente sempre que tinha moedas soltas; se as notas estivessem inteiras, eu nunca teria tocado nelas. Era a armadilha perfeita.

Ela tirava o dinheiro do meu pai enquanto ele dormia e me dizia para não falar nada, e eu tirava dela quando ela não estava olhando. Afinal, eu era um garoto chamado Frega — em italiano, aquele que passa a perna. Ahahahahaha.

Um dia, no ginásio, uma garota bonita se aproximou de mim, alta e magra, e começou a conversar. Não era preciso um contador para calcular o total dela.

Ela me convidou para ir vê-la. Morava a vinte quilômetros da cidade, e uma tarde eu parti de moto para visitá-la.

Quando cheguei, telefonei para a casa dela para dizer que estava na vila e que podíamos nos encontrar, mas ela resistiu,

tentando me convencer a ir até a casa dela e conhecer a família inteira — o cachorro incluído.

Subi de novo na moto e voltei para o lugar de onde tinha vindo. No dia seguinte ela partiu para o ataque, perguntando por que eu não tinha ido à casa dela, e eu respondi: não estava vestido para um noivado oficial, e nem tinha levado as alianças.

Ela não me largou por mais de dois meses. Todos os dias, a mesma pergunta: quando vamos nos ver? E todos os dias, a mesma resposta: vamos ver quando minha mãe estiver livre, para você conhecê-la.

E ela: por quê?

E eu: é essencial que você se dê bem com ela. Coitada, ela vive numa cadeira de rodas — alguém vai ter de cuidar dela.

Quando entendeu a situação em que ia se meter, nunca mais voltou. No dia seguinte tinha sumido.

Encontrei-a alguns anos depois num supermercado e a apresentei à minha mãe, em plena forma. Lendo nas entrelinhas, ela me perguntou o que tinha acontecido — como ela tinha se recuperado, como tinha se curado — e eu respondi: terapia com células-tronco e a magia das mulheres.

Minha mãe olhou para mim, depois sorriu e me disse que eu era mesmo filho dela, mas que mais cedo ou mais tarde alguém ia alisar o meu pelo no sentido certo. O que ela não sabia é que eu trocava de pelo com frequência, e ela nunca encontraria a mesma versão de mim duas vezes.

Ferdinando